

**A BUSCA DE SENTIDO NA EXPANSÃO DAS REDES SOCIAIS: QUAL LIKE
TE SUSTENTA?**

*THE SEARCH FOR MEANING IN THE EXPANSION OF SOCIAL NETWORKS:
WHICH LIKE SUSTAINS YOU?*

Ivana da Silva Nunes

Luciano Marques de Jesus

Resumo: Compreendendo a expansão das redes sociais e o adoecimento que essa expansão tem gerado, o presente artigo tem como objetivo levantar uma reflexão acerca dos imperativos da expansão das redes sociais e os efeitos que causam na concepção da identidade e sentido da vida. Para este estudo, utilizou-se, como abordagem, o método de pesquisa bibliográfica por meio do uso dos bancos de dados da SCIELO, PEPSIC, GOOGLE ACADÊMICO, BVS e Livros, utilizando-se de alguns recortes pertinentes para essa reflexão. Os resultados apontaram para o uso das redes sociais como busca de afirmação da identidade, o que gera adoecimento e riscos na Saúde Mental, destacando assim, a importância da Logoterapia para que o homem contemporâneo possa buscar o seu sentido de vida e seu uso mais saudável das redes sociais.

Palavras-chave: Logoterapia; Redes Sociais; Saúde Mental; Sentido de Vida;

Abstract: Understanding the expansion of social networks and the sickness that this expansion has generated, this article aims to raise a reflection about the imperatives of the expansion of social networks and the effects they cause in the conception of identity and meaning of life. For this study, the bibliographic research method was used as an approach through the use of SCIELO, PEPSIC, GOOGLE SCHOLAR, VHL and Books databases, using some relevant clippings for this reflection. The results pointed to the use of social networks as a search for affirmation of identity, which generates sickness

and risks in Mental Health, thus highlighting the importance of Logotherapy so that contemporary man can seek his meaning of life and his healthier use of social networks.

Keywords: Logotherapy; Social networks; Mental health; Meaning of Life.

1 INTRODUÇÃO

O homem contemporâneo vê a sua Saúde Mental comprometida, sofre por diversos transtornos, por conta da velocidade dos acontecimentos e mudanças que ele não consegue acompanhar. Essas mudanças de cunho transitórias atingem todas as áreas desse sujeito: as sociais, psicológicas e biológicas (FLÔR; LIRA, 2017).

Não foi diferente com a popularização das redes sociais que passou a ocupar a vida das pessoas, sendo possível trabalhar, fazer amigos, se profissionalizar, vender, comprar e algumas vezes firmar relacionamentos amorosos (DORNELLES, 2004).

Então na contemporaneidade as redes sociais começam a ser um recurso no qual os homens contemporâneos reafirmam suas identidades e vidas, e a internet passa a ocupar um lugar de reafirmação de identidades.

Porém, esse mundo conectado virtualmente forma identidades em torno da aparência, do consumo, padrões rígidos, sofrimentos e vazio existencial. Então, os laços humanos e reais se constituem de formas mais frágeis (CORREIA, 2017).

Desta forma, é de extrema importância que diversas áreas do conhecimento como a sociologia, psicologia, filosofia e as demais, levantem reflexões acerca dos imperativos da expansão das redes sociais e os efeitos que causam na concepção da identidade e sentido da vida (PINTO, 2009).

Ao falarmos sobre sentido da vida, não podemos deixar de pensar na Logoterapia e nas contribuições de Viktor Frankl que busca através de sua teoria ampliar na pessoa seu campo visual de valores, fazendo-a se dar conta das inúmeras possibilidades de realização de sentido de vida que está em si mesma.

E para isso o presente artigo visa apresentar alguns recortes pertinentes para essa reflexão. Destaca-se a importância da Logoterapia para o homem contemporâneo e seus

desdobramentos no mundo virtual e algumas considerações básicas a respeito do homem contemporâneo, redes sociais, adoecimento tecnológico e vontade de sentido.

Desta forma, a relevância do presente estudo está ligada à importância da Logoterapia para que o homem contemporâneo possa buscar em terrenos sólidos o sentido e a ressignificação de sua vida e o questionamento sobre a forma com que ele tem se relacionado com as redes sociais e suas implicações. Para a compreensão da problemática levantada, realizou-se uma pesquisa bibliográfica por meio do uso dos bancos de dados da SCIELO, PEPSIC, GOOGLE ACADÊMICO, BVS e Livros.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Contemporaneidade e o Homem pós-moderno

A contemporaneidade é marcada por transformações nas interações dos indivíduos com o mundo e na comunicação dos próprios indivíduos, boa parte dessas mudanças começaram a ocorrer a partir dos avanços na área da tecnologia da informação e expansão das redes sociais.

Transformações que afetam as configurações das identidades, a maneira de agrupamento social e as estruturas das relações, o que levanta questionamentos sobre quais seriam os imperativos sociais da contemporaneidade (PINTO, 2009).

Esses efeitos se dão nos modelos instituídos de subjetividade e dos modos de agir, o Psicanalista Joel Birman em sua obra *Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação*, de 1999, enfatiza esses efeitos. Para ele, o sujeito se sentia regulado através do seu sistema de regras, que o oferecia proteção e certeza, marca extinta na contemporaneidade, o que revela um lado desconfortável no viver (FLECHA, 2011).

Desconforto significativo que os homens e as mulheres pós-modernos trocarão um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade. Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais

na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais. (BAUMAN, 1998, p. 10).

Marcada também pelo individualismo, o mundo contemporâneo se associa ao consumismo, obtenção do prazer imediato e a ascensão da busca pela imagem perfeita, incentivada pelos reforços farmacológicos que buscam minimizar o mal-estar.

A contemporaneidade também reconhecida pela cultura do narcisismo, que destaca que o mais importante é a contemplação e exaltação do seu próprio eu, ignorando o outro em prol do seu próprio gozo (FLECHA, 2011).

Através da análise filosófica contemporânea o narcisismo aparece como: “o efeito do cruzamento entre uma lógica social individualista hedonista, impulsionada pelo universo dos objetos e dos sinais” (LIPOVETSKY, 2005, p. 34). Na perspectiva de Lipovetsky o narcisismo consiste no sujeito que volta a endereçar o olhar para si, como um impulso social. Dando-lhe a ideia de atenção, que sua vida é valorizada e desejada, o que gera uma necessidade de manifestar a vida de um modo exageradamente bom e sem nenhum tipo de problemas.

Para Birman (2006), o corpo também recebe de uma forma mais eminente o registro do mal-estar. Os indivíduos se queixam do funcionamento de seus corpos e acreditam sempre na existência mais avançada e melhor, do que se tem. Corpos que refletem o sentimento de falta, de sempre faltosos, os colocando em uma posição de dívida em relação a si mesmos.

Desta forma, vive-se uma experiência de ambivalência cultural, o homem pós-moderno/contemporâneo, observa de um lado a sua autonomia e a necessidade dessa priorização, o seu desejo de querer ser dono de si e de seu viver, e do outro soluções genéricas, de submissão imaginária e alienada do que é oferecido a todos sem nenhuma distinção (FLECHA, 2011).

2.2 As relações sociais e as redes sociais

Os assuntos sobre “computador”, “internet”, “redes sociais”, atingiram o imaginário da população e passaram a ocupar um espaço no senso comum, ambiente para conhecer pessoas, fazer amigos e até mesmo consolidar relacionamentos afetivos através do computador/internet (DORNELLES, 2004).

Essa conexão com a internet potencializa e estimula a criação de novos vínculos afetivos, ao mesmo tempo que o distanciamento das relações reais. Assim, as redes sociais se apresentam como aliadas, facilitadoras da comunicação e por outro lado um lugar de desconforto e prejuízo (PINTO, 2009).

Quando pensamos em rede o conceito que precede esse pensamento se define de forma sucinta “rede é um conjunto de nós interconectados” de forma flexível e maleável a sua utilidade diante da complexidade das relações humanas (Castells, 1999).

Ocupa diferentes funções, cada sujeito interage com um outro, o que forma assim um todo unido que representa a rede (TOMAÉL; ALCARÁ; CHIARA, 2006). Sendo assim as redes sociais ocupam um espaço de interação, conexão e informações imprevisíveis ou determinadas que movimentam a rede, e possibilitam a sua construção (Santos, 2016).

Existir na contemporânea requer a existência nas redes sociais, como uma questão de sobrevivência estar conectado (Correia, 2017). Se atribui familiaridade com as máquinas, como a televisão, computador e telefone, que oferecem a naturalidade em se adaptar e habitar nessas bases tecnológicas e culturais que sustentam a sociabilidade nos ambientes virtuais (DORNELLES, 2004).

De acordo com a pesquisa brasileira de Mídia 2015 (PBM 2015) destacam-se: O Facebook, criado por Mark Zuckerberg e lançado em 2004, como rede social mais usada e que possui mais impacto social, em segundo está o Whatsapp, criado em 2009, logo depois está o Youtube que foi fundado em 2005, em quarto se encontra o Instagram, criado em 2010 rede social de bastante impacto na busca da validação emocional e sustentação dos likes, e em quinto o Twitter criado em 2006, marcado também por interlocuções políticas e culturais (Correia, 2017).

Estar on-line nas redes sociais é que os nós-sujeitos, através de seus perfis com informações, definem a solidificação da topologia de sua microrrede, que lhe dá o poder

de decidir a permanência ou não de outro nó que solicita sua conexão. No Facebook visualizamos isso pelas categorias simbolizadas por “amigos de amigos”, “meus amigos”, “meus seguidores” ou “grupos” que possibilitam a criação de novas relações sociais. Dentro dessas redes é possível a criação de vínculos fracos ou fortes, a circulação de informações pessoais ou profissionais, compartilhamento de verdades ou mentiras. Esses vínculos podem ser apenas existentes de forma on-line ou de forma física também, por esse fato, existem perfis que contemplam milhares de amigos, laços que podem ser superficiais ou consistentes (Santos, 2016).

As redes sociais se tornaram espaço de auto-exposição, a mídia social ao invés de ocupar o lugar de vida virtual ou segunda vida, tornou-se a própria vida, cenário central da existência humana e a visibilidade pessoal o novo poder social, símbolo de status e sentido.

Os sujeitos ditos internautas se aproximam dos esquizofrênicos, desligados do mundo, muitas vezes desconhecem suas barreiras, perdidos, incapazes de distinguir o que é real ou não (Keen, 2012).

2.3 Redes Sociais e o Vazio Existencial

Nos parágrafos a seguir iremos considerar a visão do homem contemporâneo apresentada anteriormente.

O que move o ser humano é a sua vontade de sentido, a sua motivação de forma primária, experiência que é única e subjetiva para cada sujeito. A busca pelo sentido não é algo que possa ser aprendido, está de forma intrínseca e é o combustível para a existência humana (PEREIRA, 2007).

De forma geral, o significado das coisas para cada pessoa deve ser subjetivo. Encontrar sentido na vida, mesmo que de forma divergente diante dos valores devem ser de caráter único, pessoal e intransferível, uma decisão do sujeito (FRANKL, 2005).

Para que possamos compreender o quanto a busca de sentido está de forma intrínseca no ser humano, precisamos recorrer a alguns fatos antropológicos. Nossos

ancestrais já recorriam a natureza e em suas próprias mentes algo que pudessem justificar as suas vidas (CARNEIRO; ABRITTA, 2008).

Dessa forma, foi inventado a beleza, a arte, o sagrado, o sonho, os rituais, os símbolos, escritos e outras coisas para que o homem das grutas com o objetivo de significar a vida pudesse cultuar a morte e dar testemunho de seu próprio mistério (Langaney et al., 2002).

Frankl (1989) conta que aprendeu algumas lições nos três anos passados no campo de concentração de Auschwitz e Dachau, uma é que o desejo de sentido “é um valor de sobrevivência”, e que a única coisa que poderia dar suporte para um homem em uma situação extrema de adversidade como essa por ele vivida, seria através “da consciência de que a vida tem um sentido a ser realizado, mesmo que no futuro” (1989, p. 28).

Assim, como principal fato antropológico aparece a necessidade do homem encontrar algo diferente dele, algo em que possa se endereçar na busca de um sentido maior, para se realizar, para encontrar alguém, para amar, para se dedicar (FRANKL, 1989).

Quando isso não se configura falamos sobre o Vazio Existencial que é definido como uma neurose de massa por Frankl (1989) que se amplia a partir do capitalismo e do desenvolvimento da tecnologia, sem se limitar a eles. Apresentando o tédio como uma das formas de sua manifestação, quando o indivíduo não sabe como aproveitar suas horas de descanso e lazer, relacionando-se o tédio existencial e o suicídio (Frankl, 1988).

Isso porque a contemporaneidade passou a girar em torno do imediatismo, as pessoas passaram a objetificar suas relações, que já não duram mais e por conta de uma necessidade de felicidade e satisfação abusam da medicalização, contudo, permanecem em meio ao vazio. E perdidos em meio a tantas mudanças e transformações, se afastam cada vez mais de sua subjetividade e essência (DUTRA, 2012).

E é através da tecnologia que o homem contemporâneo encontra uma alternativa para a relação afetiva, que camufla o seu estado de solidão, seu tédio e seu sentimento de vazio existencial, se direcionando aos atrativos tecnológicos a ele apresentado

(CARNEIRO; ABRITTA, 2008). Porém, seus esforços na verdade o levam a experimentar o aumento do vazio existencial, pois esses recursos são desprovidos de sentido e sentimentos verdadeiros (TEIXEIRA, 2006).

À medida que compartilham quase todos os momentos de suas vidas, com a intenção de mostrar o que se tem e o bem-estar pregado pelo capitalismo, o sujeito contemporâneo se coloca em um lugar onde os outros possam observar o que ele possui, ao mesmo tempo em que ele pode observar o que os outros possuem também. Desperta-se um sentimento de ambivalência e um controle perante a felicidade do outro, quase de forma absoluta. Felicidade essa que é instituída quase de forma obrigatória, geradora de uma necessidade de expressão dessa felicidade, talvez por não estarem de fato felizes, focam então na quantidade em que essa informação irá se disseminar e não na qualidade da felicidade em que estão sentido (SANTOS, 2016).

Vivemos então a morte das ideologias, o controle da tecnologia em detrimento do contato com o outro, o empobrecimento do ser e o destaque do ter, a perda dos vínculos saudáveis e reais, de fato a estruturação da neurose de massa (CARNEIRO; ABRITTA, 2008).

2.4 A ascensão dos Likes e o adoecimento tecnológico

A sociedade está pautada no prazer de ter (FROM, 1977) e exibir o que se tem, e é importante que possamos nos questionar até que ponto essa exposição e exibicionismo é saudável para quem faz e para quem vê? (LIPOVETSKY, 1989).

Conseguimos pensar também sobre a massificação do consumo impresso nas mídias sociais, botões de “likes” que entram como uma moeda de troca sobre essa massificação, o que causa impacto na construção social, e nos aspectos ligados à autoestima (Silveira, 2017).

Dessa forma, as mídias sociais reforçam alguns padrões, como o padrão de beleza ideal, em que os sujeitos imersos nas redes sociais busquem se enquadrar nesse “status quo” determinado, o que está diretamente ligado a boa apresentação em suas fotografias, estilos de maquiagem, o quanto conseguem mostrar seus corpos da melhor

forma, o que resulta na obtenção dos “likes” que dão a esses sujeitos usuários das redes sociais, a impressão de serem aceitos (SANTOS, 2016).

Porém, essa configuração tem gerado muitos conflitos internos no âmbito da psique desses sujeitos, que deixa marcas na autoestima e em casos mais extremos, sintomas de quadros depressivos, porque a busca pelo prazer e pela beleza muitas vezes contrapõe o virtual e o real, legitimado pelos likes e destruído pela vida real (SANTOS, 2016).

Então aí se apresentam um conjunto de frustrações muitas vezes não elaborado por esse sujeito, questões diretamente ligadas ao seu adoecimento psíquico, que são as respostas negativas socialmente recebidas, suas demandas individuais não atingidas, desejos não realizados, promessas não cumpridas, padrões não alcançados e então os likes não conquistados;

Desta forma, nesse contexto o “like” se torna uma medida do que os outros pensam sobre o que o sujeito apresenta nas redes sociais, frente ao que ele é realmente. E é como o outro vê, que ele julga ou aprova a partir do “like”, e esse excesso de likes representa aceitação, julgamento positivo e a falta de likes, rejeição, julgamento negativo, o que em formas mais acentuada pode levar a uma autocondenação e infelizes desdobramentos (Silveira, 2017).

2.5 A logoterapia diante da vontade de sentido na contemporaneidade

A Logoterapia tem como função auxiliar o sujeito em seu encontro com o sentido de sua vida, porque a principal força de motivação do ser humano é a busca pelo sentido de vida, é o que o impulsiona a viver.

Na contemporaneidade, esse desejo pela busca de sentido aflorou e o sujeito contemporâneo precisa encontrar um sentido de vida para combater o desespero existencial, busca que também é terapêutica e gera regulação emocional (SANTOS, 2013).

E esse sentido de vida é transitório, a vida de cada sujeito é única e singular, dessa forma o sentido de vida muda para cada homem, o que faz com que cada um deva agir, decidir e escolher quais são as suas próprias necessidades (FRANKL, 1989).

Porém toda escolha carrega uma tensão significativa, pois ao escolher um caminho, você negligencia outro caminho, você precisa renunciar a alguma coisa em detrimento de outra. E é dessa responsabilidade que o sujeito muitas vezes foge, tenta se proteger, porque toda escolha aponta um responsável.

E a isenção de responsabilidade e escolha geram falta de sentido de vida, e sujeitos impotentes e amedrontados diante de suas próprias histórias (BAUMAN, 1998). E essa falta de protagonismo gera sofrimento, sentimento de invalidez e insuficiência que pode progredir para depressão e outras psicopatologias.

Assim, como outros fatores que contribuem para essa fragmentação do sentido da vida humana na era da tecnologia: a estética, padrões inatingíveis de beleza ou bem-estar, negação e falta de reconhecimento de emoções, e a medicalização da vida (ANDRADE, 2018).

Dessa forma, a Logoterapia se propõe a auxiliar o sujeito, com condições para encontrar valores no mundo objetivo e concretizar um sentido para a vida. É uma modalidade de psicoterapia que conduz o sujeito em sua autotranscendência na capacidade de sair de si, renunciar a si mesmo, na busca pelo externo, o que irá lhe proporcionar algo ou alguém para se dedicar ou amar, ter algo para fazer ou realizar. Auxilia na ampliação do campo de visão de valores e nas possibilidades de realização de sentido, considerando a dimensão noética ou espiritual, para se abrir a essas possibilidades de valores, liberdade e responsabilidade (NETO, 2013).

E muitas vezes o mundo virtual afasta o sujeito de seus valores, liberdade e responsabilidade, fazendo-o repetir o que está dado no ambiente virtual, lugar que ele mostra mais do que os outros querem ver, e menos do que verdadeiramente ele é. E uma vida com sentido precisa de valores, liberdade e responsabilidade e a Logoterapia pode oferecer um lugar para a reestruturação dessas coisas e para as reflexões que faltam nos dias contemporâneos, o que reestabelece esses imperativos e torna o mundo virtual parte

da vida do sujeito que carrega em si o seu sentido de vida, sem precisar buscar na plateia, à mercê da vida dos outros (ANDRADE, 2018).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O vazio existencial experienciado na contemporaneidade aumenta à medida em que os sujeitos não buscam estabelecer relações saudáveis com as tecnologias. O que os torna incapazes de reconhecer as suas potências e capacidades para além do mundo virtual.

Desta forma, é necessário que o homem contemporâneo possa estabelecer uma conexão mais real com o mundo, e o seu sentido de vida poderá ser o seu norteador. Sentido esse que busca a felicidade e realização.

A felicidade que é um subproduto da realização de um sentido, quando se encontra o sentido seu efeito é a felicidade, assim a vontade de sentido é essencial ao homem (FLÔR; LIRA, 2017).

E a Logoterapia no mundo atual, de cunho científico busca ajudar o homem em sua jornada de sentido, considerando a sua formação bio-psico-sócio-histórica e a busca do homem por si mesmo.

Levando-se em consideração esse cenário, os resultados da pesquisa destacam a importância da Logoterapia na busca de sentido do homem contemporâneo, seus recursos e desdobramentos clínicos ou filosóficos.

Por fim, destaca-se que as redes sociais podem ocupar um lugar na vida dos sujeitos, sem que ocupe o lugar do todo, sendo mais uma parte que o constitui, o fazendo perceber que o sentido de vida está além do mundo tecnológico e que as redes sociais jamais vão conseguir lhe sustentar por inteiro, pois o sentido da vida está em si mesmo, em seu interno.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Cristiano de Jesus. **Viktor Frankl: o sentido da Logoterapia e sua atualidade contextual.** Rev. inFormação, ano 21-22, n. 21- 22, jan./dez, 2017-2018.

BAUMAN, Zigmunt. **O mal-estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BIRMAN, Joel. **Arquivos do mal-estar e da resistência.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BIRMAN, Joel. **O mal-estar na atualidade: a Psicanálise e as novas formas de subjetivação.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira.** Brasília: Secom, 2015.

CARNEIRO, Cláudia Aparecida; ABRITTA, Stella Dalva. Formas de existir: **A busca de sentido para a vida.** Revista da Abordagem Gestáltica – XIV (2): 190-194, jul-dez, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CORREIA, Maria Ederlene da Silva. **A fluidez das identidades na contemporaneidade e as redes sociais.** Revista Communitas V1, N1, (Jan-Jun) 2017.

DORNELLES, Jonatas. **Antropologia e Internet: quando o “campo” é a cidade e o computador é a “rede”.** Horizontes antropológicos, Porto Alegre, n. 21, p. 241-271, 2004.

Dutra, Elza. **Suicídio de universitários: o vazio existencial de jovens na contemporaneidade.** Estudos e Pesquisas em Psicologia, 12(3), 924-937, 2012.

FLECHA, Renata Dumont. **Modernidade, contemporaneidade e subjetividade.** Sapere Aude – Belo Horizonte v.2 - n.3, p.28- 43, 2011.

FLÔR, Glorivania Gonçalves Amorim; LIRA, Edmakson silva de. **A logoterapia diante da vontade de sentido na contemporaneidade.** Rev. Il Combracis, v. 1, Campina Grande, 2017.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e sentido da vida.** São Paulo: Quadrante, 1989.

FRANKL, V. E. **Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo** (11a ed.). Editora Santuário, Aparecida -SP, 2005 F

RANKL, V. E. **Em busca de um sentido: Um psicólogo no campo de concentração.** Petrópolis: Vozes, 1988.

KEEN, Andrew. **Vertigem digital: porque as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando?** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LANGANEY, A., CLOTTE, J., GUILAINE, J. & SIMONNET, S. **A mais bela história do homem: de como a Terra se tornou humana.** Rio de Janeiro: Difel, 2002.

LIPOVETSKY, Giller. **O império do efêmero: moda e seu destino nas sociedades modernas.** Trad. Maria Lúcia Machado. Companhia das letras, São Paulo, 1989.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do Vazio: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo.** São Paulo: Manoel, 2005.

NETO, Valdir Barbosa Lima. **A espiritualidade em logoterapia e análise existencial: o espírito em uma perspectiva fenomenológica e existencial.** Revista da Abordagem Gestáltica, v. 19, n. 2, p. 220-229, 2013.

PEREIRA, I. S. **A vontade de sentido na obra de Viktor Frankl.** Psicologia USP, 18(1), p. 125-136, 2007.

PINTO, Marcia. **Fragmentação da identidade e comportamento narcisista no mundo das novas tecnologias.** Fasci-Tech, São Caetano do Sul, v. 1, n. 1, p.63- 73, 2009.

SANTOS, David Moises Barreto dos. **Logoterapia: compreendendo a teoria através de mapa de conceitos.** Arquivos Brasileiros de Psicologia; Rio de Janeiro, 68 (2): 128 – 142, 2013.

SANTOS, T. O. **Redes sociais e o vazio existencial no mundo pós-moderno.** 2016. 31f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016.

SILVEIRA, Vanessa Rozan da. **Corpos e beleza no Instagram: estetização em busca de likes.** Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) PUC-SP, São Paulo, 2017.

TEIXEIRA, J. A. C. **Problemas psicopatológicos contemporâneos Uma perspectiva existencial.** Aná. Psicológica, Lisboa v.24 n.3, 2006.

TOMAÉL Maria Inês; ALCARÁ, Adriana Rosecler; CHIARA, Ivone G. **Das redes sociais à inovação.** Rev. Ci. Inf., Brasília, v. 34, n. 2, p. 91-94, maio/ago, 2005.